



O MILÊNIO AMERICANO: AVIVAMENTOS RELIGIOSOS E A NACIONALIZAÇÃO DO REINO DE DEUS NOS ESTADOS UNIDOS DO SÉCULO XIX

*The American Millennium: Religious Revivals and
the Nationalization of the Kingdom of God in the
Nineteenth-Century United States*

Daniel Rocha*

Recebido em: 07/05/26

Aprovado em: 09/07/26

Resumo: O artigo analisa as relações entre avivamentos religiosos, expectativas milenaristas e identidade nacional nos Estados Unidos entre os séculos XVIII e XIX, com especial atenção ao pensamento de Charles G. Finney. Partindo da distinção entre milenarismos progressivos e catastróficos, o texto investiga como movimentos revivalistas contribuíram para aproximar conversão individual, regeneração moral da sociedade e expectativa do avanço histórico do Reino de Deus. Metodologicamente, o artigo articula história da religião, história intelectual e história dos conceitos. Argumenta-se que os grandes avivamentos desempenharam papel importante na nacionalização do conceito de Reino de Deus e na consolidação de um imaginário milenarista nos Estados Unidos, ao favorecer interpretações providenciais da história norte-americana. O artigo conclui que o chamado “milênio americano” resultou da articulação entre revivalismo protestante, escatologia pós-milenarista e nacionalização do Reino de Deus na experiência histórica norte-americana.

Palavras-chave: Avivamentos Religiosos; Milenarismo; História dos Estados Unidos.

* Doutorado em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutorando pela Italian Doctoral School of Religious Studies da Università Degli Studi di Modena e Reggio Emilia (Itália). ORCID: 0000-0001-6813-2024. E-mail: danielrochabh@gmail.com

Abstract: This article examines the relationship between religious revivals, millenarian expectations, and national identity in the United States between the eighteenth and nineteenth centuries, with particular attention to the thought of Charles G. Finney. Drawing on the distinction between progressive and catastrophic millennialisms, it investigates how revivalist movements contributed to linking individual conversion, the moral regeneration of society, and expectations regarding the historical advance of the Kingdom of God. Methodologically, the study brings together the history of religion, intellectual history, and conceptual history. It argues that the great revivals played an important role in the nationalization of the concept of the Kingdom of God and in the consolidation of a millenarian imaginary in the United States by fostering providential interpretations of American history. The article concludes that the so-called “American millennium” resulted from the articulation between Protestant revivalism, postmillennial eschatology, and the nationalization of the Kingdom of God within the American historical experience.

Keywords: Religious Revivals; Millennialism; United States History.

Introdução

Ao longo da história dos Estados Unidos, os discursos sobre avivamento religioso ocuparam posição importante não apenas na vida das igrejas protestantes, mas também na maneira como amplos setores da sociedade norte-americana interpretaram o desenvolvimento histórico do país. Desde o período colonial, sucessivos movimentos de despertar espiritual foram frequentemente apresentados como sinais da ação providencial de Deus no mundo, capazes de renovar indivíduos, restaurar a vida moral da sociedade e reorientar o destino da nação. Mais do que episódios de intensificação da piedade pessoal, os avivamentos ajudaram a difundir formas específicas de compreender o tempo histórico, o progresso e a relação entre cristianismo e sociedade.

Essa articulação entre revivalismo e uma leitura providencial da história ganhou destaque especial nos Estados Unidos entre os séculos XVIII e XIX. Em meio à expansão territorial, ao crescimento do fervor religioso evangélico e à consolidação dos Estados Unidos como nova experiência republicana, muitos protestantes passaram a interpretar os avivamentos como indícios do avanço

histórico do Reino de Deus. Conversão, reforma moral e expansão do cristianismo passaram a ser percebidas como dimensões de um mesmo processo providencial. Nesse contexto, ganharam força perspectivas escatológicas que não enxergavam o futuro apenas em chave de catástrofe ou ruptura sobrenatural, mas também como possibilidade de transformação gradual da própria história.

Tradicionalmente, o excepcionalismo norte-americano e o chamado Destino Manifesto costumam ser analisados sobretudo a partir de suas dimensões políticas, territoriais e nacionalistas. Embora esses elementos sejam fundamentais, este artigo parte da hipótese de que os avivamentos religiosos desempenharam papel igualmente decisivo na consolidação de um imaginário milenarista nacional nos Estados Unidos do século XIX. Argumenta-se que o revivalismo protestante contribuiu para articular escatologia, progresso histórico, regeneração moral e missão nacional, favorecendo uma leitura providencial da experiência norte-americana.

Essa transformação não deve ser compreendida apenas como mudança doutrinária. O que estava em jogo era também uma alteração mais profunda na forma como determinados grupos religiosos percebiam sua posição na história. Como sugeriu Reinhart Koselleck (2006), as sociedades organizam sua experiência temporal a partir da tensão entre “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”. As crenças escatológicas ocupam lugar central nesse processo, pois articulam memória, presente e futuro em uma narrativa capaz de conferir significado à experiência histórica.

Ao longo do século XIX, parte do protestantismo norte-americano passou a projetar sobre a própria trajetória dos Estados Unidos expectativas tradicionalmente associadas ao Reino de Deus. O reinado milenar de Cristo na terra no fim dos tempos mencionado no livro do Apocalipse deixava de aparecer apenas como evento sobrenatural localizado no horizonte final da história para aproximar-se também de uma expectativa de regeneração progressiva da sociedade. O futuro esperado começava a ser relacionado cada vez mais ao avanço da civilização cristã, da democracia, das missões e da reforma moral do mundo –



processos que estariam se iniciando nos Estados Unidos e dali se expandiriam para o resto do mundo.

| 302 Dentro desse processo, Charles G. Finney (1792-1875) ocupa posição particularmente importante. Figura central do Segundo Grande Avivamento, Finney articulou revivalismo, pragmatismo evangelístico, reforma moral e expectativas milenaristas de maneira especialmente influente. Sua compreensão dos avivamentos como resultado do uso de novos métodos evangelísticos e sua expectativa de que o Milênio pudesse ser historicamente antecipado condensam uma mudança decisiva: o Reino de Deus passava a ser concebido não apenas como realidade aguardada, mas também como algo que poderia ser promovido pela ação organizada dos cristãos.

Mais do que analisar uma doutrina religiosa, este artigo procura compreender como os avivamentos protestantes contribuíram para a formação de uma linguagem histórica específica, na qual conversão, progresso, democracia, providência e identidade nacional passaram a aparecer articulados entre si. Em outras palavras, interessa-nos investigar como o revivalismo ajudou a transformar expectativas escatológicas em uma narrativa sobre o destino providencial dos Estados Unidos. Para isso, o texto divide-se em quatro partes. Na primeira, discutimos os conceitos de milenarismo progressivo e catastrófico, enfatizando as relações entre escatologia, experiência histórica e expectativa de futuro. Na segunda, analisamos os grandes avivamentos religiosos dos séculos XVIII e XIX, especialmente o papel de Jonathan Edwards no século XVIII e, posteriormente, do Segundo Grande Avivamento do século XIX na consolidação de uma leitura providencialista da história norte-americana. Na terceira, examinamos a teologia revivalista e pós-milenarista de Finney como expressão particularmente significativa da aproximação entre Reino de Deus e transformação histórica. Por fim, discutimos como essas expectativas contribuíram para a consolidação do imaginário do “milênio americano” e para a nacionalização progressiva do Reino de Deus no contexto dos Estados Unidos do século XIX.

A vinda do Reino: entre milenarismos catastróficos e progressivos

| 303

A escatologia – o campo da teologia relativo às “últimas coisas” – ocupa local de destaque na tradição judaico-cristã. Mais do que simples especulações sobre o fim do mundo ou sobre o destino individual após a morte, as crenças escatológicas oferecem maneiras de interpretar o tempo histórico, organizar experiências coletivas e projetar expectativas em relação ao futuro. Nesse sentido, não devem ser compreendidas apenas como doutrinas sobre o “celeste provir”, mas também como uma linguagem por meio da qual indivíduos e comunidades que as confessam atribuem sentido às crises, às rupturas e às transformações do presente.

O teólogo alemão Jürgen Moltmann afirmava que “todas as escatologias da história mundial surgiram de experiências e intenções políticas” (MOLTMANN, 1996, p. 133).¹ Mesmo formulações aparentemente voltadas para o além carregam implicações históricas e políticas, pois articulam diagnósticos sobre o presente e expectativas quanto ao futuro. Do ponto de vista da história das religiões, as crenças escatológicas não podem ser reduzidas a sistemas teológicos abstratos ou a desenvolvimentos puramente internos da doutrina cristã. Elas se relacionam a experiências históricas concretas e respondem a questões colocadas pelo próprio tempo em que são formuladas e reinterpretadas.

O milenarismo intensifica de maneira particular a relação entre presente e futuro – entre experiência e expectativa – ao imaginar a proximidade de uma transformação decisiva da história. Dentro da tradição cristã, essa expectativa assumiu forma especialmente influente na crença do advento de um futuro período de paz, justiça e felicidade associado ao reinado milenar de Cristo na terra. Ao longo da história do cristianismo, essa esperança funcionou como

¹ Tradução nossa. O mesmo ocorre em todas as outras citações literais de textos originalmente em inglês.

poderoso recurso simbólico para grupos insatisfeitos com a ordem existente e desejosos de uma transformação profunda da vida social.

| 304 Catherine Wessinger entende o milenarismo como “a audaciosa esperança humana de que, em um futuro iminente, haverá uma transição – seja catastrófica ou progressiva – para uma ‘salvação coletiva’” (WESSINGER, 2011, p. 3). Essa definição é importante porque desloca a escatologia da esfera exclusivamente individual para o horizonte da experiência coletiva. A expectativa de um mundo renovado aproxima religião, história e vida social ao projetar a possibilidade de reorganização da própria existência humana no interior da história. Entretanto, diferentes movimentos milenaristas imaginaram essa transformação de maneiras bastante distintas. Enquanto alguns enfatizaram a ruptura súbita e sobrenatural com a ordem presente, outros passaram a conceber a realização do Reino como resultado de um processo gradual de aperfeiçoamento histórico.

Partindo dessa percepção, Wessinger propôs a distinção entre milenarismos catastróficos e progressivos. Os milenarismos catastróficos caracterizam-se, em linhas gerais, pela percepção de que o mundo presente encontra-se profundamente corrompido e incapaz de ser reformado de maneira gradual. A transformação esperada depende de uma ruptura decisiva, frequentemente associada à intervenção direta de Deus na história. Como observa Bruce Lincoln, trata-se de formas de compreender a história organizadas em torno da expectativa de uma mudança iminente capaz de destruir uma ordem percebida como degradada: “centradas em um futuro iminente, no qual se espera que uma mudança cataclísmica destrua um presente retratado – e vivido – como intolerável” (LINCOLN, 2018, p. 133).

Historicamente, o pré-milenarismo – a crença de que o Milênio só terá início após a Segunda Vinda de Cristo – tornou-se uma das expressões mais influentes desse tipo de imaginação escatológica na tradição cristã. Segundo essa perspectiva, o mundo caminharia para um período de decadência crescente, e somente uma intervenção sobrenatural de Cristo poderia instaurar o verdadeiro Reino de Deus. Em muitos contextos, essa visão favoreceu atitudes de

distanciamento em relação à política e às instituições sociais, vistas como parte de uma ordem condenada à destruição. Ainda assim, a relação entre pré-milenarismo e passividade histórica não deve ser tomada como automática. Em diferentes momentos, expectativas apocalípticas também alimentaram movimentos de intensa mobilização coletiva.

Os milenarismos progressivos organizam essa relação entre presente e futuro de maneira distinta. Neles, o Reino não é imaginado como resultado de uma ruptura súbita que interrompe a história, mas como processo gradual de transformação do mundo. A expectativa escatológica continua presente, mas passa a se articular mais diretamente com a ação humana e com a ideia de progresso histórico. Como resume W. Michael Ashcraft (2011, p. 44), “o milenarismo progressivo é uma perspectiva que espera que a sociedade na Terra se torne progressivamente mais purificada ou aperfeiçoada. Nessa perspectiva, o presente não é visto apenas como espaço de corrupção e decadência, mas também como campo de ação. Conversão religiosa, reforma moral, expansão do cristianismo, educação e aperfeiçoamento social podem ser interpretados como sinais concretos do avanço do Reino de Deus na história. Entretanto, como observa Bruce Lincoln (2018, p. 141), expectativas milenaristas nem sempre operam exclusivamente em chave progressiva. Em muitos casos, a esperança de transformação futura articula-se também ao desejo de restaurar uma pureza religiosa perdida ou retornar a uma ordem idealizada do passado. Diferentes movimentos revivalistas combinaram, assim, expectativas de aperfeiçoamento histórico com impulsos recursivos de restauração do cristianismo primitivo e da moralidade considerada autêntica.

Essa diferença implica uma mudança importante na maneira como se concebe a relação entre ação humana e realização escatológica. Nos milenarismos progressivos, o futuro esperado não é apenas aguardado; ele deve ser preparado. O Reino continua sendo obra de Deus, mas os indivíduos e as comunidades religiosas passam a perceber-se como participantes ativos desse processo

histórico. O tempo deixa de funcionar apenas como cenário de espera e passa a ser percebido também como espaço de intervenção. Essa lógica tornou-se particularmente influente no pós-milenarismo protestante. Diferentemente do pré-milenarismo, o pós-milenarismo afirmava que o reinado milenar de Cristo seria precedido por um longo processo de expansão do cristianismo e aperfeiçoamento moral da sociedade. O Reino avançaria gradualmente dentro da própria história, preparando o mundo para o retorno final de Cristo. Em vez de esperar passivamente pela intervenção divina, os cristãos deveriam participar ativamente da transformação do mundo.

Essa perspectiva tem vários precedentes na história do cristianismo,² mas adquiriu força particular no contexto anglo-americano dos séculos XVIII e XIX. O crescimento do protestantismo evangélico, a expansão missionária, a valorização moderna da ideia de progresso e a consolidação de uma identidade nacional marcada por elementos providencialistas criaram condições favoráveis para a difusão de expectativas milenaristas progressivas. Como observou George Marsden, muitos protestantes norte-americanos do século XIX passaram a acreditar que “uma nova era estava começando” e que eles próprios constituíam sua “vanguarda” (MARSDEN, 2001, p. 71). A expectativa do Milênio aproximava-se, assim, da própria experiência histórica da sociedade norte-americana.

Avivamentos religiosos e expectativa do milênio nos Estados Unidos

Entre os séculos XVIII e XIX, os grandes avivamentos religiosos contribuíram para associar conversão individual, regeneração moral da sociedade e expectativa do avanço histórico do Reino de Deus nos Estados Unidos. Mais do que movimentos de renovação espiritual, eles ajudaram muitos protestantes norte-americanos a interpretar a história da nação como parte de

² Por exemplo, “Eusébio de Cesareia [...] considera[va] que a vitória de Constantino é ‘a demonstração evidente do estabelecimento atual do reino escatológico de Deus no mundo’” (LE GOFF, 1984, p. 442).

um processo providencial mais amplo, no qual a expansão do cristianismo evangélico aparecia associada ao futuro religioso e moral do mundo.

Essa dinâmica não surgiu de forma isolada no contexto norte-americano. Ela se relacionava a transformações mais amplas do protestantismo europeu desde o final do século XVII, especialmente com o pietismo alemão e o metodismo inglês. Esses movimentos criticavam a frieza espiritual e distância entre o clero e o povo nas igrejas estabelecidas e procuraram revitalizar a vida espiritual dos fiéis, reafirmando que o cristianismo autêntico não poderia ser limitado ao conhecimento intelectual das “doutrinas corretas”. Procurou-se renovar as práticas religiosas e comunitárias, incentivar as reuniões para orações e estudos bíblicos, enfatizar a necessidade do “novo nascimento” e da busca por uma “vida santificada”. Dessa forma, enfatizava-se o papel das emoções e, em contraposição ao “protestantismo de Estado” – baseado em vínculos étnicos e lealdades nacionais que ainda prevalecia em boa parte da Europa – ajudou a consolidar um protestantismo que é “por excelência, e radicalmente, uma religião de conversão individual” no qual “conta menos como validação da fé professada a herança religiosa [...] do que o ingresso voluntário como *born again* numa congregação de ‘renascidos’” (PIERUCCI, 2006, p. 120).

Essa ênfase na experiência religiosa individual atravessou o Atlântico e marcou profundamente os avivamentos nas colônias inglesas da América do Norte. “Os dois lados do Atlântico testemunharam uma explosão de entusiasmo religioso, na qual pregadores itinerantes iam de um lugar para outro dando testemunho de suas experiências religiosas [...]” (LINEBAUGH; REDIKER, 2008, p. 204).

Embora a ideia de um “Primeiro Grande Avivamento” como movimento religioso unificado tenha sido posteriormente questionada por parte da historiografia,³ diferentes movimentos revivalistas espalharam-se pelas colônias britânicas da América do Norte ao longo do século XVIII, contribuindo para a

³ Cf. BUTLER, Jon. *Awash in a sea of faith: christianizing the American people*. Cambridge: Harvard University Press, 1992.

difusão de linguagens religiosas compartilhadas e para a formação de circuitos transatlânticos de comunicação evangélica. A partir da década de 1730, esses movimentos passaram a compor aquilo que se convencionou denominar Primeiro Grande Avivamento. Pregadores avivalistas mobilizavam multidões e difundiam uma linguagem religiosa centrada na conversão, no arrependimento e na experiência imediata da graça.

George Whitefield foi uma das figuras centrais desse movimento. Suas campanhas evangélicas atraíam multidões e alcançavam enorme repercussão pública. Mais do que simples pregador popular, Whitefield ajudou a construir circuitos transatlânticos de comunicação religiosa que contribuíram para a formação de uma cultura evangélica compartilhada entre diferentes colônias. Como observou Frank Lambert (1990), suas viagens e sermões transformaram o avivamento em fenômeno de grande visibilidade pública no mundo atlântico britânico.

No entanto, para os objetivos deste artigo, Jonathan Edwards ocupa posição ainda mais decisiva. Edwards não foi apenas um dos principais pregadores do Primeiro Grande Avivamento; ele também contribuiu para articular os avivamentos a uma leitura providencial e progressiva da história. O contexto em que atuava era marcado por preocupações com o esfriamento espiritual da Nova Inglaterra puritana. Muitos líderes religiosos acreditavam que as novas gerações haviam perdido parte do fervor dos primeiros colonos. Nesse cenário, os avivamentos apareciam como sinais da renovação da aliança entre Deus e seu povo.

Ainda que muitas dessas expectativas possuissem raízes anteriores no puritanismo inglês e na tradição reformada, Edwards contribuiu para reorganizá-las no contexto específico dos avivamentos norte-americanos do século XVIII, aproximando renovação espiritual, providência divina e expectativa histórica do avanço do Reino. Em Edwards, os avivamentos não eram vistos apenas como episódios locais de renovação espiritual. Eles podiam ser interpretados como parte de um movimento histórico mais amplo conduzido pela providência divina.

Como resume George Marsden, Edwards desenvolveu “uma visão mais progressiva da história, marcada por avivamentos cada vez mais intensos e culminando no Milênio” (MARSDEN, 2003, p. 197). A história era compreendida como processo orientado por Deus, no qual sucessivos despertamentos espirituais preparavam o caminho para uma futura era de expansão do Reino. Essa expectativa aparece de maneira particularmente clara em *Some Thoughts Concerning the Present Revival of Religion in New England* (1742). Nesse texto, Edwards sugeria que a grande obra de Deus aguardada pela Igreja poderia estar próxima e afirmava existirem razões para acreditar que ela começaria na América:

Esse evento tem sido esperado pela igreja de Deus e pensado como próximo pelos mais eminentes homens de Deus na igreja: e, além disso, considerando o atual estado de coisas e como já tem sido por um bom tempo na igreja de Deus e no mundo inteiro, não é razoável que não entendamos que essa grande obra de Deus deve estar próxima de se realizar. E há muitas coisas que fazem crer que essa obra [a instauração do Milênio] será iniciada na América (EDWARDS, 1742, p. 96)

A passagem é reveladora porque desloca os avivamentos de uma experiência local para uma interpretação mais ampla da história providencial. A América avivada aparecia como possível ponto de partida de uma transformação religiosa de alcance mundial. Sacvan Bercovitch observa que Edwards ajudou a consolidar uma percepção de “história em progresso” dentro da tradição puritana norte-americana. Segundo Bercovitch (1978, p. 108), o pós-milenarismo de Edwards “abriu o futuro ao controle humano” ao adaptar a tradição puritana a uma sociedade em expansão. Embora Edwards jamais abandonasse a soberania divina, sua leitura providencial dos avivamentos contribuía para aproximar Reino de Deus, história e experiência americana.

Essa associação entre avivamento e expectativa milenarista ganhou novo impulso após a independência dos Estados Unidos. O sucesso da Revolução Americana, a expansão territorial e o crescimento das instituições republicanas favoreceram a difusão de interpretações providencialistas da história nacional.

Como observa Jon Butler, a Revolução favoreceu novas interpretações escatológicas ao fortalecer a percepção de que uma nova era histórica poderia estar começando (BUTLER, 1992, p. 216-217).

| 310

Foi nesse contexto que o Segundo Grande Avivamento adquiriu importância decisiva. Se os despertamentos do século XVIII estiveram fortemente ligados à Nova Inglaterra congregacional, o século XIX seria marcado pela expansão do metodismo⁴ e da cultura revivalista para o Oeste e para as regiões de fronteira. Os *camp meetings* – grandes encontros religiosos ao ar livre – reuniam multidões em torno de pregações emocionais, testemunhos, orações e cânticos. O revivalismo assumia uma forma profundamente popular e participativa.

O Segundo Grande Avivamento ajudou a democratizar a experiência religiosa norte-americana. A ênfase na conversão individual, no livre-arbítrio e na decisão pessoal aproximava-se profundamente da cultura política da jovem república. Como observa George Marsden, o evangelicalismo passou a refletir e reforçar valores ligados ao individualismo, expresso na ideia da conversão como escolha individual, e à autodeterminação: “Em vez de entrar em conflito com os ideais democráticos e republicanos herdados da era revolucionária, o evangelicalismo fundiu-se a esses valores, refletindo-os e reforçando-os” (MARSDEN, 2001, p. 62-63).

Essa transformação teve consequências importantes para a relação entre revivalismo e expectativa milenarista. A regeneração espiritual dos indivíduos passou a ser percebida como ponto de partida para a regeneração da própria sociedade. Conversão, reforma moral e progresso histórico começavam a

⁴ A expansão metodista foi impressionante. De acordo com Reily (2003, p. 40), se “quando da pequena criação da Igreja Metodista Episcopal em 1784, havia menos de 15 mil metodistas nos Estados Unidos; nos meados do século XIX, estes já constituíam a maior Igreja do país”. Seu crescimento estava ligado não apenas à mensagem religiosa, mas também à capacidade de adaptação ao contexto social da fronteira. Os *circuit riders* metodistas percorriam enormes distâncias pregando para populações dispersas e pouco atendidas pelas igrejas tradicionais.

aparecer como partes de um mesmo movimento providencial. Como resume Nathan Hatch, muitos protestantes acreditavam que “o Reino de Deus ainda poderia ser construído na América se permanecessem fiéis à sua vocação especial” (HATCH, 1989, p. 188). O Reino de Deus deixava progressivamente de ser percebido apenas como realidade transcendente e aproximava-se da própria experiência histórica da nação americana.

Nesse sentido, os avivamentos religiosos contribuíram para consolidar uma nova maneira de pensar a relação entre cristianismo e história. Em Edwards, os despertamentos ainda apareciam sobretudo como sinais da ação providencial de Deus. No contexto do Segundo Grande Avivamento, porém, a expectativa milenarista ganhou contornos mais ativistas. A conversão individual passou a ser entendida como motor da regeneração social, e a expansão do cristianismo evangélico começou a confundir-se com o avanço da própria missão providencial dos Estados Unidos.

Charles Finney e a historicização do milênio

Charles Grandison Finney ocupa posição central na história do revivalismo norte-americano do século XIX. Embora o Segundo Grande Avivamento tenha sido marcado por uma grande diversidade de pregadores, movimentos e tradições religiosas, Finney tornou-se uma de suas figuras mais influentes ao sistematizar um modelo de avivamento profundamente marcado pelo pragmatismo, pelo apelo à decisão individual e pela confiança na capacidade humana de promover transformações religiosas e sociais. Em torno dele, revivalismo, reforma moral e expectativa milenarista passaram a articular-se de maneira particularmente intensa.

A importância de Finney não está apenas em seus métodos evangelísticos ou no sucesso de suas campanhas de avivamento, mas na forma como reformulou a própria compreensão do que era um avivamento religioso. Em muitos aspectos,



ele radicalizou tendências já presentes no protestantismo revivalista norte-americano desde Edwards e o metodismo, aproximando ainda mais conversão, ação humana e transformação histórica. William G. McLoughlin observa que Finney deve ser compreendido como um porta-voz de seu tempo precisamente pela combinação entre pietismo, perfeccionismo moral, individualismo e pós-milenarismo (MCLOUGHLIN, 1960, p. xxxii-xxxiii). Sua teologia dialogava profundamente com uma sociedade marcada pela expansão democrática, pela valorização da iniciativa individual e pela confiança no progresso.

O ponto decisivo de sua teologia revivalista encontrava-se na recusa da ideia de que o avivamento dependesse exclusivamente de uma intervenção misteriosa e imprevisível de Deus. Diferentemente de parte da tradição calvinista anterior, Finney insistia que os avivamentos podiam ser promovidos por meios adequados. Em suas *Lectures on Revivals of Religion*, afirmava: “Um avivamento religioso não é um milagre nem depende de um milagre. Ele é um resultado puramente filosófico do uso correto dos meios constituídos” (FINNEY, 1960, p. 13). A frase é reveladora. O avivamento deixava de ser percebido apenas como manifestação extraordinária da soberania divina e passava a ser entendido em termos de causa e efeito. Se os meios corretos fossem utilizados – pregação adequada, apelo emocional, oração, disciplina moral e mobilização da comunidade –, o avivamento ocorreria.

Finney reforçava essa ideia recorrendo a uma comparação agrícola: “A relação entre o uso correto dos meios para um avivamento e o próprio avivamento é filosoficamente tão certa quanto a relação entre o uso correto dos meios para cultivar grãos e uma colheita de trigo” (FINNEY, 1960, p. 14). Essa analogia ajuda a compreender a originalidade de seu pensamento. O revivalismo passava a ser tratado quase como uma técnica de transformação religiosa e social. Como observa George Marsden, produzir um avivamento tornava-se “tão científico quanto produzir uma colheita de grãos” (MARSDEN, 2001, p. 68).

O Reino de Deus aproximava-se, assim, de uma lógica moderna de planejamento, organização e administração do futuro. Esse aspecto é particularmente importante para o argumento que procuramos desenvolver neste texto. Em Finney, a expectativa milenarista deixava de funcionar apenas como esperança voltada para um futuro distante e aproximava-se de um programa histórico concreto. O Milênio não era concebido como resultado de uma ruptura sobrenatural repentina, mas como consequência gradual da expansão do cristianismo e da regeneração moral da sociedade. McLoughlin é enfático ao afirmar que Finney era “um convicto pós-milenarista” (MCLOUGHLIN in FINNEY, 1960, p. 10).⁵ Ele acreditava que, por meio dos avivamentos, das missões e das reformas morais, o mundo caminhava para uma situação progressivamente melhor até estar preparado para o retorno final de Cristo. A conversão individual era o motor desse processo histórico.

Nesse ponto, revivalismo e reforma social tornavam-se inseparáveis. Para Finney, indivíduos convertidos e moralmente regenerados transformariam inevitavelmente a sociedade. O avanço do Reino dependia da multiplicação de homens e mulheres disciplinados, virtuosos e comprometidos com a vontade de Deus. Por isso, movimentos como a temperança, a educação, as missões e o combate à escravidão podiam ser interpretados como expressões concretas do avanço histórico do cristianismo.

Ao mesmo tempo, é importante notar que Finney não pensava a transformação social principalmente em termos de ação política estrutural. Como observa McLoughlin, ele acreditava que “a reforma moral individual, mais do que a ação política ou legislativa, era o meio mais seguro e rápido de melhorar a ordem social” (MCLOUGHLIN, 1960, p. xlv). A mudança do mundo deveria começar pela conversão dos indivíduos. Ainda assim, isso não significava rejeição completa da ação coercitiva do Estado. Essa lógica aparece de forma bastante clara em suas *Lectures*. Para Finney, o mundo ainda necessitava de sucessivos

⁵ A afirmação de McLoughlin aparece em uma nota de rodapé explicativa do texto de Finney.

avivamentos porque a Igreja permanecia espiritualmente instável: “O estado do mundo ainda é tal, e provavelmente continuará sendo até que o Milênio chegue plenamente, que a religião deverá ser promovida principalmente por meio desses despertamentos” (FINNEY, 1960, p. 10). O avivamento era, portanto, necessidade histórica. Enquanto o Reino não estivesse plenamente estabelecido, seria preciso mobilizar continuamente os cristãos e renovar a vida religiosa da sociedade.

Mas Finney acreditava que os sucessivos avivamentos característicos da história cristã não seriam permanentes. Em sua visão, o avanço gradual do Reino produziria uma humanidade moralmente regenerada, tornando desnecessárias essas mobilizações periódicas da vida religiosa: “À medida que o Milênio avançar, é provável que esses despertamentos periódicos deixem de existir” (FINNEY, 1960, p. 11). O Milênio não aparecia, portanto, como ruptura absoluta entre dois mundos completamente distintos, mas como resultado de um processo gradual de transformação moral da humanidade.

Essa expectativa tornava-se ainda mais explícita quando Finney tratava da responsabilidade da própria Igreja na chegada do Reino. Em uma de suas passagens mais conhecidas, afirmava: “Se a Igreja cumprir plenamente o seu dever, o Milênio poderá chegar a este país em três anos” (FINNEY, 1960, p. 306). A afirmação sintetiza de maneira quase programática o pós-milenarismo revivalista do século XIX. O Milênio poderia começar “neste país” e em prazo relativamente curto, desde que os cristãos cumprissem adequadamente sua missão. O futuro passava a depender também da ação organizada dos fiéis.

Desse modo, a expectativa escatológica contribuía para reorganizar a relação entre religião e história. O Reino de Deus passava a ser concebido menos como realidade exclusivamente transcendente e mais como horizonte de transformação progressiva da sociedade. Pregação, conversão, educação moral e evangelização do mundo eram percebidas como instrumentos concretos desse processo. Essa lógica articulava-se diretamente ao imaginário nacional norte-americano. Segundo McLoughlin, Finney acreditava que os Estados Unidos

poderiam tornar-se a primeira nação completamente convertida ao cristianismo (MCLOUGHLIN, 1960, p. xli). A jovem nação aparecia, assim, como espaço privilegiado do avanço histórico do Reino.

| 315

Ao mesmo tempo, sua linguagem religiosa dialogava profundamente com a cultura democrática da jovem república. O indivíduo chamado à conversão era também o indivíduo capaz de escolher seu destino político e moral. Como observa Frank Lambert, Finney abandonava parte do pessimismo antropológico do antigo calvinismo e enfatizava a responsabilidade individual na transformação da vida religiosa e social (LAMBERT, 2008, p. 58). Essa aproximação entre revivalismo e democracia aparece de forma particularmente simbólica em outra passagem de suas *Lectures*, na qual Finney descreve a missão cristã em linguagem política: “O objetivo do ministério é fazer com que todas as pessoas sintam que o diabo não tem o direito de governar este mundo, mas que todas devem entregar-se a Deus e votar no Senhor Jesus Cristo como governador do universo” (FINNEY, 1960, p. 181). A imagem é reveladora. O governo de Cristo sobre o mundo é descrito em termos de adesão voluntária, quase eleitoral. O Reino avançaria à medida que indivíduos livres reconhecessem o senhorio de Cristo e reorganizassem sua vida moral de acordo com ele.

Finney radicalizava, assim, uma tendência que já vinha se formando desde os grandes avivamentos do século XVIII: a aproximação entre escatologia, ação humana e transformação histórica. O Reino de Deus continuava sendo realidade futura e providencial, mas passava a ser pensado também como algo que poderia ser antecipado historicamente por meio dos avivamentos, da reforma moral e da expansão do cristianismo. Nos Estados Unidos do século XIX, revivalismo e expectativa milenarista tornavam-se cada vez mais difíceis de separar.

O “milênio americano” e a nacionalização do Reino de Deus

A trajetória que vai de Jonathan Edwards aos grandes avivamentos do século XIX e a Charles Finney ajuda a compreender um processo mais amplo: a

aproximação progressiva entre expectativas milenaristas, interpretação providencial da história e identidade nacional nos Estados Unidos. Ao longo do século XIX, diferentes grupos protestantes passaram a relacionar cada vez mais diretamente o futuro religioso da humanidade ao desenvolvimento histórico da sociedade norte-americana. O Reino de Deus deixava de ser pensado apenas como realidade transcendente localizada no horizonte final da história e aproximava-se também da linguagem do progresso moral, da expansão missionária, da democracia e da regeneração da sociedade.

Esse processo, entretanto, não deve ser compreendido de forma linear nem como expressão de uma suposta mentalidade religiosa homogênea da sociedade norte-americana. As interpretações sobre o papel providencial dos Estados Unidos variaram profundamente de período para período e de grupo para grupo, articulando-se a diferentes contextos políticos, sociais e culturais. Como ocorre com as próprias expectativas escatológicas, também as leituras religiosas da história nacional foram permanentemente reinterpretadas à luz das experiências históricas concretas vividas pelos diferentes atores sociais.

Ainda assim, algumas permanências podem ser identificadas. Desde o período colonial, setores do protestantismo anglo-americano interpretavam a América como espaço privilegiado da ação divina. A tradição puritana da “*city upon a hill*”, a percepção da Nova Inglaterra como comunidade de aliança e as leituras providenciais da colonização já ofereciam elementos importantes para a associação entre experiência americana e história sagrada. Os grandes avivamentos do século XVIII reforçaram esse horizonte ao aproximar renovação espiritual, regeneração moral e destino coletivo da sociedade.

Após a independência dos Estados Unidos, porém, essas expectativas passaram a dialogar com novos elementos históricos e políticos. A consolidação das instituições republicanas, a expansão territorial, o crescimento do protestantismo evangélico (com ênfase no discurso da necessidade de conversão individual) e a valorização da democracia representativa favoreceram a difusão

de leituras segundo as quais os Estados Unidos ocupariam posição singular na história. A identidade nacional norte-americana foi frequentemente construída a partir da tensão entre universalismo e particularismo: os Estados Unidos seriam simultaneamente uma nação entre outras e uma experiência histórica portadora de significado universal. Nesse contexto, a linguagem religiosa dos avivamentos ofereceu recursos importantes para pensar os Estados Unidos não apenas como sociedade politicamente distinta, mas também como espaço privilegiado para a regeneração moral do mundo.

As expectativas pós-milenaristas contribuíram para fortalecer essa aproximação entre cristianismo evangélico, progresso histórico e missão nacional. Segundo Jean Delumeau, perspectivas pós-milenaristas abriram espaço para “um milenarismo parcialmente laicizado que se apoiou cada vez mais sobre os acontecimentos” (DELUMEAU, 1997, p. 245). O Milênio continuava sendo imaginado em termos religiosos, mas sua realização parecia ligada ao curso da própria história. O crescimento das missões protestantes, a expansão da educação, a circulação internacional do protestantismo evangélico e o fortalecimento das instituições republicanas podiam ser percebidos como sinais concretos do avanço do Reino de Deus no mundo.

Nesse contexto, os avivamentos desempenharam papel importante não por terem produzido uma identidade nacional única, mas por ajudarem a difundir determinadas formas de interpretar a relação entre indivíduo, sociedade e história. George Marsden chama atenção para a profundidade cultural do revivalismo ao afirmar que “o fogo do avivamento [...] foi o principal modo por meio do qual essa cultura buscou sua identidade cultural” (MARSDEN, 2001, p. 59). Mais do que simples episódios religiosos isolados, os avivamentos ajudaram a consolidar linguagens morais e religiosas que passaram a dialogar intensamente com debates sobre democracia, liberdade, progresso e destino nacional nos Estados Unidos do século XIX.

A experiência da conversão individual ocupava lugar central nesse imaginário. Desde os grandes avivamentos, a regeneração espiritual do indivíduo era frequentemente apresentada como ponto de partida para a regeneração da própria sociedade. O cidadão virtuoso e o cristão convertido apareciam como figuras profundamente próximas. O revivalismo protestante ajudou, assim, a aproximar individualismo religioso, moralidade social e participação ativa na vida pública. A ideia de que indivíduos livres poderiam escolher tanto seu destino espiritual quanto o destino político da sociedade aproximava a experiência da conversão da própria cultura democrática norte-americana.

A expansão missionária protestante contribuiu para universalizar essa experiência histórica norte-americana. Em muitos discursos religiosos do século XIX, a expansão do cristianismo evangélico aparecia articulada ao fortalecimento da influência cultural anglo-americana. O chamado “milênio americano” não significava necessariamente uma identificação simples entre Reino de Deus e nação americana, mas a percepção de que os Estados Unidos desempenhariam papel privilegiado na difusão internacional da civilização cristã, da liberdade política e do protestantismo evangélico.

Entretanto, esse imaginário carregava ambiguidades profundas. A mesma linguagem providencial que inspirava campanhas reformistas, projetos educacionais e movimentos missionários foi frequentemente mobilizada para legitimar expansionismo territorial, segregação racial e projetos de dominação cultural. A crença no papel providencial dos Estados Unidos coexistia frequentemente com práticas de violência contra populações indígenas, defesa da escravidão ou discursos sobre superioridade anglo-saxã. Por isso, a nacionalização do Reino de Deus não deve ser entendida como simples continuidade religiosa da tradição puritana nem como expressão consensual da sociedade norte-americana, mas como construção histórica marcada por disputas, apropriações e tensões constantes.

Essa transformação revela também uma mudança importante na maneira de compreender o próprio tempo histórico. O Milênio deixava de ser percebido apenas como ruptura sobrenatural futura e aproximava-se de uma expectativa de aperfeiçoamento gradual da humanidade na história. Conversão, educação, missões, reforma moral e progresso social podiam ser vistos como etapas concretas desse processo histórico. O futuro prometido não deveria apenas ser aguardado; ele poderia ser preparado, promovido e antecipado pela ação humana. Nesse contexto, os Estados Unidos passaram a ser imaginados, por muitos protestantes, como espaço privilegiado dessa tarefa providencial.

Desse modo, o “milênio americano” pode ser entendido como resultado de uma longa articulação entre revivalismo protestante, expectativas pós-milenaristas e interpretações sobre o lugar histórico dos Estados Unidos no mundo moderno. Os grandes avivamentos ajudaram a aproximar conversão individual, regeneração moral da sociedade e missão providencial da América, contribuindo para a construção de narrativas segundo as quais o futuro religioso da humanidade estaria profundamente ligado ao destino histórico da nação norte-americana.

Conclusão

Os grandes avivamentos religiosos dos séculos XVIII e XIX contribuíram para aproximar escatologia, transformação histórica e identidade nacional nos Estados Unidos. Mais do que episódios de renovação espiritual, eles ajudaram a difundir formas específicas de interpretar a relação entre conversão individual, regeneração moral da sociedade e futuro histórico da nação. Ao longo desse processo, expectativas tradicionalmente associadas ao Reino de Deus passaram progressivamente a articular-se ao próprio desenvolvimento histórico da experiência norte-americana.

O pós-milenarismo protestante desempenhou papel importante nessa transformação ao favorecer uma compreensão mais histórica e ativista da expectativa milenarista. Em vez de aparecer apenas como realidade sobrenatural situada no horizonte final dos tempos, o Milênio aproximava-se também da linguagem do progresso, das missões, da reforma moral e do aperfeiçoamento da sociedade. Em Charles Finney, essa lógica atingiu formulação particularmente influente: o futuro prometido não deveria apenas ser aguardado, mas poderia ser promovido historicamente pela ação organizada dos cristãos.

Entretanto, o chamado “milênio americano” não deve ser entendido como expressão homogênea da cultura norte-americana nem como simples continuidade da tradição puritana colonial. Tratava-se de uma construção histórica marcada por disputas, ambiguidades e reinterpretações constantes. Ao longo desse processo, expectativas tradicionalmente associadas ao Reino de Deus passaram a projetar-se cada vez mais sobre a própria experiência histórica dos Estados Unidos. A tensão escatológica entre um Reino já presente e ainda por se consumir abriu espaço para interpretações nas quais conversão, reforma moral, expansão missionária e progresso da civilização cristã podiam ser percebidos como sinais concretos do avanço histórico desse Reino. Os grandes avivamentos contribuíram, assim, para reorganizar a relação entre presente e futuro na imaginação religiosa norte-americana, favorecendo leituras segundo as quais a história dos Estados Unidos poderia ocupar lugar privilegiado no horizonte providencial do mundo contemporâneo.

Referências

- ASHCRAFT, W. Michael. Progressive millennialism. In: WESSINGER, Catherine (ed.). *The Oxford handbook of millennialism*. New York: Oxford University Press, 2011. p. 44-65.
- BERCOVITCH, Sacvan. *The American jeremiad*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1978.
- BUTLER, Jon. *Awash in a sea of faith: christianizing the American people*. Cambridge: Harvard University Press, 1992.



DELUMEAU, Jean. *Mil anos de felicidade: uma história do paraíso*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

EDWARDS, Jonathan. *Some thoughts concerning the present revival of religion in New England*. Boston, 1742.

| 321 FINNEY, Charles Grandison. *Lectures on revivals of religion*. Edited by William G. McLoughlin. Cambridge, MA: The Belknap Press of Harvard University Press, 1960.

GOEN, C. C. Jonathan Edwards: a new departure in eschatology. *Church History*, v. 28, n. 1, p. 25-40, mar. 1959.

HATCH, Nathan O. *The democratization of American Christianity*. New Haven; London: Yale University Press, 1989.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do tempo: estudos sobre história*. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2014.

LAMBERT, Frank. "Pedlar in divinity": George Whitefield and the Great Awakening (1737-1745). *Journal of American History*, v. 77, n. 3, p. 812-837, 1990.

LAMBERT, Frank. *Religion in American politics*. Princeton: Princeton University Press, 2008.

LE GOFF, Jacques. Escatologia. In: ROMANO, Ruggiero (org.). *Enciclopédia Einaudi*. v. 1: Memória-História. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984. p. 425-457.

LINCOLN, Bruce. *Apples and oranges: explorations in, on, and with comparison*. Chicago: The University of Chicago Press, 2018.

LINEBAUGH, Peter; REDIKER, Marcus. *A hidra de muitas cabeças: marinheiros, escravos, plebeus e a história do Atlântico revolucionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MARSDEN, George M. *Religion and American culture*. 2. ed. Fort Worth: Harcourt College Publishers, 2001.

MARSDEN, George M. *Jonathan Edwards: a life*. New Haven: Yale University Press, 2003.

MCLOUGHLIN, William G. Introduction and notes. In: FINNEY, Charles Grandison. *Lectures on revivals of religion*. Edited by William G. McLoughlin. Cambridge, MA: The Belknap Press of Harvard University Press, 1960. p. vii-lix.



MOLTMANN, Jürgen. *The coming of God: Christian eschatology*. London: SCM Press, 1996.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Religião como solvente: uma aula. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 75, p. 111-127, 2006.

| 322 REILY, Duncan Alexander. *História documental do protestantismo no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Aste, 2003.

WESSINGER, Catherine. Millennialism in cross-cultural perspective. In: WESSINGER, Catherine (ed.). *The Oxford handbook of millennialism*. New York: Oxford University Press, 2011. p. 3-24.

WILSON, John F. History, redemption, and the millennium. In: HATCH, Nathan O.; STOUT, Harry S. (ed.). *Jonathan Edwards and the American experience*. New York: Oxford University Press, 1988. p. 131-141.